

Notas de perto

IX

Meu Caro C.

Prometi a semana passada mostrar-te hoje mais algumas das combinações internacionais dos capitalistas para a exploração da indústria de guerra.

Tens lido o suficiente, creio, para te convencer de que para o rico não ha fronteiras; para o acionista, para o financeiro, para o industrial, para o comerciante, etc., não ha questão de nacionalidade, raça, ou religião, ou politica que impeça os seus fins: viver a todo o transe e de qualquer meio do suor dos trabalhadores.

Entre os acionistas da Steel Manufacturers Nickel Syndicate, Ltd., figuravam:

William Beardmore & C.; Chas. Camell & C.; Armstrong, Whitworth & C.; Vickers, Sons & Maxim, Ltd., todos ingleses.

1909, a Hadfield's C., inglesa. Todas elas fabricavam ferro e aço e possuíam minas de carvão para servir a industria de guerra.

O descaramento chega porém ao extremo quando os vamos encontrar conluídos em volta da Chilworth Gunpowder C. Ltd., que é quem explora as fabricas de pólvora em Chilworth. De braço dado fazem parte desta companhia, ou, são patrões desta fabrica de pólvora os bons patriotas alemães Mix e Karl Duttenhofner com fabricas de pólvora no Rhano e em Dueneberg e os não menos optimis patriotas ingleses da firma Armstrong.

O seu caracter internacional, diz o panfleto da «Union of Democratic Control», foi conservado até quando a guerra estalou, sendo então que os alemães retiraram. O London Times, de 2-10 1914, informava que os Krupps tinham 200.000 libras em acções das fabricas de armamento na Inglaterra quando a guerra rebentou.

Vês o valor do patriotismo dos ricos? Vês tu, como alemães, franceses, ingleses, etc., se concertam entre si para a exploração da rendosa industria de guerra?

Quanto estes caprichos da paz armada tem custado a trinta e uma das pátrias em que eles dividiram o Mundo, tiveste tu occasião de observar pela Tabela I que a semana passada transcrevi das publicadas pela «World Peace Foundation». Porque é simplesmente um extracto da Tabela I para fazer notar a despeza que as dez maiores nações fazem com os seus exercitos e marinhas, não transcrevo a Tabela II; mas para veres quanto isto e estes custam a cada habitante de Nove Grandes Nações transcrevo o que segue:

TABELA III Despeza militar total e por habitante—Nove Nações

Table with 4 columns: Países, População Calculada, Custo do Exército e da Marinha, Custo por habitante. Lists countries like Austria-Hungria, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Japão, Rússia, Espanha, Estados Unidos.

Varemos agora um pouco já que assunto de momento nos dá ao a isso.

Recordas-te da famosa questão de Home Rule que ia levando a Inglaterra a uma guerra civil, pelo menos na escravizada Irlanda?

Renitente, protestando até contra as resoluções do seu Governo e do seu parlamento, para que se não desembrasse o querido Imperio Britânico, o rico Edward Carson levantou e pôs em armas para a resistencia a essa resoluções a provincia do Ulster na Irlanda. Vê lá, tu, que qualidade de tipo este que ousou levantar uma provincia do seu país para chacinhar os seus irmãos se o Governo Imperial ousasse conceder-lhe definitivamente as regalias politicas já aprovadas e ha muito ansiadas.

Não venho recordar este caso como partidário de qualquer das facções que iriam á luta se a guerra não viesse pôr tréguas aos preparativos bélicos das suas decisões; se te venho falar nisto é porque até daqui podemos tirar conclusões que muito bem nos servirão para aquilatar o valor dos politicos e seu respectivo valor patriótico.

O Morning Post publicou no dia 10 12-1910 uma entrevista que tivera com sir Edward Carson, Hon. Secretario do Conselho Unionista do Ulster, que lhe declarou: «Quando a mim, e creio que pelos meus colegas, posso dizer que se formos abandonados pela Grã-Bretanha, preferiria antes ser governado pelos Alemães do que por Patrick Ford, John Redmond

e Companhia» (Partidarios de Home Rule, na Irlanda).

O mesmo jornal, em 9-1-1911, publicou outra entrevista que tivera com o Capt. Craig, chefe do outro, e acrescentou:

«Ha um crescente espirito, lá fora, que eu posso testemunhar com o meu conhecimento pessoal, que a Alemanha e o Imperador alemão seriam preferidos a um governo de John Redmond, Patrick Ford, e Molly Maguire».

O Belfast Evening Telegraph, deu-nos o seguinte bocadinho em 27 8-1913:

«Sir Edward Carson teve a honra de ter sido convidado para lanchar com o Kaiser a semana passada em Hamburgo».

Outro jornal informa-nos: «a carga de espingardas Mauser para armar os Voluntários do Ulster em abril de 1914, veio da Alemanha. Sir Edward Carson confiou esta tarefa ao Major F. Crawford, que, em 29 de abril, em Bangor, declarou o seguinte que o North Down Herald publicou em 3 de maio seguinte:

«Se eles fossem postos fora da União, infinitamente preferiria mudar a sua aliança para com o Imperador da Alemanha ou qualquer outro que podesse obter um Governo estavel».

E agora, eu comento com um jornal, Sir Edward, «o Desleal», é Director—Geral na maior colecção de Ministros reaccionários dos tempos modernos e que a Imprensa Liberal aplauda! Isto é, entrou agora na recomposição ministerial que o gabinete inglês sofreu.

Sem querer ainda acrescentar que os politicos da nossa querida Patria sejam capazes de fazer o mesmo a isto, vender tudo por um centavo de banha de cheiro,

que te parece este patriotismo desinteressado dos ricos que levantam os povos para a chacina?

Que me dizes desses abnegados que ameaçam vender-se ao inimigo e depois são quem dirige a luta armada contra ele, tendo-se já antes servido dele para desasocego da sua pátria?

Ahl meu caro, como são cegos os que os seguem e como é necessário abrir-lhes os olhos para que vejam claro!

Lisboa 8-6-1915

H. QUESARIO

P. S. Corrijam-se apenas as indisponíveis grafias: Por baixo da Tabela da ultima Nota vem Houved em vez de Houyed-Sandames em vez de Gendarmes e do dolar deram o valor de 1803 quando está a 1800, o que é muito diferente.

Os anarquistas alemães e a guerra

Com este titulo, publicou o camarada alemão Paulo Schreyer, em Volonté, um longo e interessante artigo sobre a attitudo dos libertários tudescos ante a guerra e sobre a sua acção futura.

Nesta ultima parte, escreve, entre outras coisas o seguinte:

«Os governos tentaram todos os meios para sufocar o nosso movimento; e por outro lado a servil social-democracia fará outro tanto para calar as vozes que lhe censurarem a sua vergonhosa conduta. Em caso de vitória, as escandescências patrióticas tornaríam os operários mais bárbaros e mais hostis ao anarquismo.»

Na sua luta e propaganda, de grave embaraço será então para os camaradas alemães a attitudo favorável á guerra que Krapótkine e alguns outros agora mantêm. A social-democracia não deixará de apresentar o exemplo destes aos camaradas alemães, afim de justificar o seu procedimento.

—Vêdes—dirão eles—os melhores de entre os vossos eram também pela guerra; quiseram defender a cultura russa contra a cultura germânica; o nosso ponto de vista não é, pois, erróneo.

E sem dúvida, os camaradas que estão na Alemanha e não tem á sua disposição jornal algum são postos em grande embaraço pelas publicações, que se fazem lá também das cartas de Krapótkine, Gillaume, etc. Quando foi publicada a carta ao professor Steffen, desgrahou tanto, que não podíamos prestar-lhe crédito; parecia coisa inconcebivel de todo.»

E' o que por várias vezes temos aqui affirmado: a attitudo dos intervencionistas, além de contradizer os ensinamentos do anarquismo, é praticamente um grande erro de táctica, favorecendo e fortalecendo não somente o governo nacional próprio, mas ainda o do país inimigo, os seus partidos anti-revolucionários. Igual depoimento é feito num documento que publicaremos, emanado dos socialistas búlgaros.

Eis porque são úteis as manifestações colectivas—congressos, manifestos, etc.—antiguerristas, e eis porque se trabalha para a immediata constituição da Internacional Libertária, a contrapôr a certas manifestações individuais.

UMA CARTA ELUCIDATIVA

Como quase sempre acontece, dos últimos acontecimentos fizeram-se as mais absurdas e fantásticas atoardas, que o público apreciava e comentava, como sabia. Os sindicalistas ainda desta vez não escaparam aos intuitos mal intencionados e systemáticos dos boateiros, inventando-se que eles também tinham entrado na revolução, subdivididos em partidários deste politico, uns, e partidários daquele influente, outros. Esta brincadeira de mau gosto, por certo engenhosamente inventada para marcar uma nova época de terror e de perseguições para os operários conscientes, indignou-nos profundamente. Nós não podíamos acreditar que sindicalistas conscientes da sua situação e do seu papel de lutadores independentes entrassem numa revolução politica, de partidos, vertendo o seu sangue por um chefe qualquer, estranho á luta de classes e pertencente á sociedade privilegiada, que nos oprime, calunia e envergonha. Felizmente, a lenda espalhada malevolamente pelos ruins especuladores, dissipou-se facilmente. E' que já pouca gente acredita em semelhantes intrugices.

Mas para maior elucidação, as Juventudes Sindicalistas de Lisboa enviaram a seguinte carta a um diário da capital:

«Sr. redactor:—E' com a maior surpresa que lemos, nalguns relatos, que, sobre os ultimos acontecimentos, tem sido publicada nos jornais a affirmação de serem os sindicalistas tomado parte activa nalguns acontecimentos politicos. Assim,

chamam-nos a attenção para a disparatada noticia, publicada nalguns diarios, sem duvida erradamente informados, de ter havido para os laos do Campo de Santa Clara um combate entre revolucionarios e sindicalistas (1) tendo estes ultimos sido vencidos por aquelles, etc., etc. Esta noticia seria simplesmente hilarante se não fosse fornecida com o intuito de justificar futuras perseguições ao povo trabalhador organizado e consciente e, por isso, não podemos deixar de vir, por esta meio, declarar ser redondamente falso que sindicalistas se tenham batido contra qualquer grupo de revolucionarios.

A nós—são nos absolutamente indifferentes lutas como esta ultima, pois, encarnicados inimigos de todos os politicos, não temos preferências por este ou aquelle grupo de governantes.

Não pretendemos assegurar que não tenham colaborado no ultimo movimento alguns individuos que se supõem ser sindicalistas, mas esses individuos não podem de boa fé ser tomados como representando a organização operária que se norteia pelo sindicalismo revolucionario. A sua acção é meramente individual e dela não cabe a menor parte de responsabilidades á organização sindicalista á qual, repetimos, são indifferentes estes movimentos revolucionários para mudança de governantes.

A nossa acção é muito outra: temos métodos de luta muito nossos e aspirações muito diferentes daquelas pelas quais tanta gente se sacrificou ha dias.

Estamos certos de que, com esta declaração, o público ficará definitivamente convencido de que os sindicalistas não tomaram nem tomarão parte em movimentos politicos, destinados unicamente a substituir uns governantes por outros.

Parece-nos que é o suficiente. Ou não será?

A greve geral de Turim

Le Réveil traz-nos noticias mais completas e insuspeitas da greve geral antiguerrista de Turim, transcrevendo-as verbalmente dum jornal conservador, La Stampa. Apesar de este fazer a narração com aquelles amabilidades que os jornais burgueses costumam dedicar aos revolucionários sociais, o governo mandou-o apreender, achando melhor o silencio sobre aquele e outros acontecimentos.

A greve, respondendo ao apêlo da Comissão executiva da Câmara do Trabalho e da Secção socialista, foi unânime e completa, deixando de circular até os carros. E as colisões com a força armada começaram imediatamente. Os grevistas assaltaram um armazém de armas e um carro militar, levantaram algumas barricadas, entrincheiraram-se nos pavilhões da Exposição de flores e na Câmara do Trabalho, sustentaram vivo tiroteio. No mais vivo da acção, naturalmente, notou La Stampa os elementos jovens e os anarquistas, quo o jornal burguês criva dos seus mais amáveis insultos.

Em 17 de maio, foi o governo da cidade entregue á autoridade militar. A agitação esmoreceu, tanto mais que os deputados socialistas, temerosos da feição que as coisas iam tomando, lançaram no mesmo dia um manifesto convidando os grevistas a voltarem ao trabalho.

Demais, o exemplo de Turim não foi logo ou simultaneamente imitado nas outras regiões; algumas localidades seguiram-no, mas uma por uma, sem as medidas próprias da situação.

Além das greves, houve revoltas individuais, casos de insubordinação, manifestações collectivas de soldados. Na sua grande maioria o povo italiano era contrário á guerra e oferecia um bom campo de acção aos revolucionários. Mas além das poderosas influencias que promoveram o intervencionismo, além dos effcazes meios de intimidacção, de engano e de desorganização popular em poder dos dirigentes, outras causas, da parte do povo, contribuíram para fazer fracassar e deter no caminho a bela tentativa: esperava-se que os parlamentares, que os politicos evitassem ainda a guerra; acreditava-se que o gram-chefe Giolitti, tido como dono da maioria parlamentar, queria e podia arredar o flagelo; confiava-se na acção e nas combinações politico-parlamentares dos deputados socialistas!

Maldito parlamentarismo! Maldita confiança nos messias!

Seja como for, alegue-se embora que muito mais podiam ter feito, os revolucionários sociais italianos fizeram alguma coisa, muito em relação ao que fizeram os dos outros países beligerantes. Não evitaram a guerra; mas venceram fortemente a sua ideia e salvaram a sua acção futural. Um grande bravo aos camaradas italianos!

Consequências da guerra das nações

Considerada em geral, a guerra actual só pode ter para o Livre Pensamento consequências funestas, cuja importância, contudo, cumpre não exagerar. Vejamos essas consequências:

No ponto de vista politico: Um conflito armado tem sempre como consequência ulterior o fortalecimento do militarismo nos países em luta. Este fortalecimento pode ser mais ou menos acentuado. Segundo as circunstancias e os povos, pode ser mais ou menos immediato. Mas segue sempre de perto o fim das hostilidades. Do lado da vitória, para manter a força nacional em estado de defender as vantagens recentemente alcançadas pelo triunfo das armas. Do lado da derrota, afim de preparar as energias da pátria mutilada e humilhada—mas não resignada—para tirar uma retumbante desforra quanto antes. Ora—isso é outro tanto terreno perdido para a liberdade, tal como nós a entendemos. Porque é manifesto que os cidadãos dum Estado em que reina o militarismo são muito menos livres que os daqueles em que ele não reina; tanto por terem encargos mais pesados, como por eles serem marcados limites mais estreitos á manifestação do pensamento nos vários ramos.

No ponto de vista social: Lembremo-nos de que os vícios devidos ao chumbo inimigo deixam nas familias, além da dor, uma raiva surda e exasperada contra a mão que os produziu. O odio, essa pérfida vibração, enlaça os corações doloridos, inocula-lhes a sua peçonha. Transforma individuos bons, brandos e generosos em patrioteiros endurecidos, sem piedade pelos sofrimentos dum homem cujo unico erro seja pertencer a uma nação inimiga! É, pois uma consequência directa da guerra o cavar entre os adversários um fosso para sempre intransponível. Daí, em ambos os campos, um patriotismo estreito, infansigente, tapado, traduzido-se na vida diária por uma revoltante intolerância senão restricções arbitrarias feitas á liberdade de pensamento dos outros?

No ponto de vista religioso: Forçoso é reconhecer que a guerra actual marcará um progresso da religiosidade na massa. Disso derivará naturalmente um acréscimo do poder clerical. Ante a imensidade da catastrophe, o espirito transtornado volta-se instintivamente para um deus que possa dominar a luta titânica. Perante a impotência das forças humanas para assegurar o triunfo do direito, e num impulso espontaneo cuja explicação se deve buscar na hereditariadade atávica, o homem surpreende-se a invocar com toda a sua alma, com todo o seu coração, o Todo-Poderoso, tão bom, tão justo do mesmo modo que as crianças amedrontadas chamam a fada bembafeseja, tão linda e tão generosa.

Ao pensar nos perigos que se seguem adorados correm no campo de batalha, sufoca-nos, estrangulanos uma angústia. O nosso desejo seria fazer qualquer coisa em favor deles, ajuda-los, protegê-los; e o nosso cerebro desvaído nada encontra. Nada, afora curvar os joelhos. E os nossos lábios vacilantes murmuram a prece gaguejada na infancia. Pobres loucos! Se esse Deus existisse e quizesse evitar ao solo a mancha do sangue humano e á mulher o ultraje das lagrimas, não poderia ter impedido a guerra.

Em volta de nós, estende-se neste momento a vaga de misticismo, poderosamente favorecida pelos soberanos e pelos padres. Vêdes os primeiros dirigirem a Deus invocações publicas e por assim dizer officiais; vêdes cada um deles afirmar ao seu exercito que Deus está com ele e só com ele. É para lhe dar mais coragem para matar incendiário, destruir. Vêdes, por outro lado, os padres dos países beligerantes desfaldarem os seus estandartes amarfanhados, sacudindo-lhes o pó e pondo-os a flutuar ao vento tempestuoso com alegria e orgulho.

Vêdes os organizarem preces, missas, te-deuns, requiems. Sob a influencia da solidão moral criada pelo caso actual, sente-se cada um tomado dum invencivel desejo de

crer num Juiz supremo, muito benigno, muito forte, digno de ser adorado de joelhos. Fascinado, o homem deixa a terra banhada de sangue, libra-se com as asas da imaginação no domínio do misticismo. E' esse precisamente o alvo da encenação e aparato levados a cabos pelos padres.

Quantas defecções não veremos nós em nossas fileiras! São aliás compreensíveis e desculpáveis nestes instantes de revolvimento social e de insultamento moral dos indivíduos.

Maleáveis e activos, os clericais insinuam-se em todas as camadas da sociedade, neste momento em que a situação tudo nivela. E' incontestável que no fim da guerra se há de ver consideravelmente mais fortes. Mas esse pensamento só deve aumentar em nós a energia necessária para combater. Eles julgam-se donos da situação e pensam decerto em reconquistar, onde as perderam, as vantagens que até aqui lhes arrancou o Livre Pensamento. Mas, no montão de ruínas que nos rodeia, erguem-se, aqui e ali, factos que falam uma linguagem eloquente, dizendo-nos que, apesar de tudo, o Livre Pensamento há de conservar mais ou menos as suas posições. Como uma chama batida pelo vento, ele vacilla; mas não se extinguirá, jamais se extinguirá.

Salónica, 23 de novembro de 1914. ALBERTO E. CARASSO.

DOCUMENTOS

Tese apresentada ao 5º congresso da Juventude Socialista Italiana, reunido em Reggio da Emilia (9 a 11 de maio de 1915)

O militarismo nas suas formas actuais é um fenómeno histórico-social lógico e necessário no regime capitalístico, e constitui nas mãos dos Estados, representantes das classes dominantes, o instrumento para impedir com a força o avanço das classes proletárias e para com a força conquistar os mercados, quando as exigências da economia capitalista são inadequados aos meios de expansão pacífica.

O partido socialista, sendo o partido dos trabalhadores que com o método da luta de classes tendem a acelerar a queda do regime burguês, tem, desde o seu nascimento, combatido o militarismo, descobrindo nele o maior meio de conservação das actuais formas sociais.

Até ao estalar do presente conflito europeu, os socialistas de todos os Estados atacaram, pois, constantemente e simultaneamente o militarismo com a mais aberta propaganda e votaram nos parlamentos contra as despesas militares, fôsse qual fôsse a razão pela qual as pedissem os governantes.

A guerra que estalou entre as grandes potências da Europa em agôsto de 1914 não desmentiu, mas confirmou a concepção socialista em geral e a necessidade da acção antimilitarista para o proletariado.

As causas da guerra são inerentes á sociedade actual, ás suas formas de desenvolvimento mais avançadas e geralmente consideradas como mais civilizadas, e não a regressos históricos ou sobrevivências de instituições e tendências pré-burguesas, como sustentam aqueles que pretendem localizar em alguns Estados apenas a origem e a culpa da confagração. Não pode esperar-se uma luta contra o militarismo da democracia burguesa, nem no advento das formas políticas mais democráticas, e muito menos da vitória militar dos Estados regidos mais democraticamente.

Disto resulta a necessidade da parte do proletariado socialista de persistir no antimilitarismo, e mesmo de o intensificar juntamente com toda a sua acção de classe, único caminho para chegar á cessação da barbárie da guerra, dos enormes danos económicos e das imensas chacinas que ela origina.

No campo prático, a acção do proletariado internacional não pôde impedir a guerra; os socialistas dos maiores Estados fizeram até causa comum com as respectivas burguesias, chegando mesmo á participação no poder. A causa de tam grave malôgrio prático da Internacinalidade está sobretudo na

aceitação da tese que o proletariado tem o dever de defender a pátria agredida, tese esta que, como claramente o demonstram o raciocínio e a experiência dos factos, conduz pela força das coisas á justificação de qualquer guerra.

Na actual situação do Estado italiano, que ainda não foi envolvido no conflito, o partido socialista, desde o primeiro momento, opõe-se logicamente a qualquer intervenção do Estado, mantendo contra elle em plena actividade a sua opposição de classe.

As razões aduzidas por alguns socialistas convertidos ao interventionismo são contraditórias, tanto com a concepção socialista, como com os ensinamentos nascidos da guerra. A distinção entre Estados democráticos e reacccionários não é aplicável á guerra presente, e em todo caso não pode determinar as preferências do socialismo, dado que ás evoluções industriais democráticas corresponde um incremento do militarismo. O triunfo do principio de nacionalidade, cuja applicação abstracta é incerta e controversa, não pode esperar-se da cega contingência da guerra e muito menos da vitória de alguns dos Estados em conflito, pois todos tem dado e continuam a dar exemplo de oppressão das nacionalidades alheias.

Reconhecida a insuficiência práctica da propaganda antimilitarista desenvolvida pelo partido socialista, o qual, não tendo sabido achar a energia de se pôr resolutamente contra a corrente patriótica da «defesa nacional», tem até aqui limitado a sua acção quase só ao campo teórico, daí resulta logicamente que de hoje para o futuro o partido socialista deve combater, numa orientação exclusiva de classe, — sem se preocupar com a impopularidade que daí lhe possa advir nos primeiros tempos, — a concepção da pátria, que pela sua íntima essência burguesa é pródigo com os poderosos e madrastra para os fracos. E disso é necessário fazer o centro da propaganda antimilitarista dos socialistas, se não estes acabariam por aceitar ou justificar a guerra, solidarizando-se, á imitação dos socialistas da maior parte dos Estados beligerantes, com as burguesias nacionais, — sendo em todo o caso fácil a um Estado, seja qual for a sua força política, demonstrar que se bate para se defender de um ou mais Estados agressores e para tutelar a liberdade dos cidadãos.

Que, com efeito, semelhante descarregar de responsabilidade e culpas se torne fácil a todos os governos burgueses — sejam elles expressão de monarquias ou impérios ou de repúblicas burguesas — é o que se tem visto bem claramente durante o desenrolar da presente guerra, precisamente através dos livros de diversas côres, com os quais os varios responsáveis tem procurado alterar os factos para parecer innocentes.

O antimilitarismo socialista deve inspirar-se no antipatriotismo ainda por estas razões fundamentais: para negar conscientemente aos governos a aprovação dos organamentos militares, tanto ordinários como extraordinários, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra; para quebrar mesmo em circunstancias especialissimas a tam invocada união das classes; e para poder aspirar á abolição de tódas as formas de militarismo.

Por isso a tarefa primacial do partido socialista é intensificar e disciplinar a acção antimilitarista de classe, desenvolvendo uma assídua propaganda oral, difundindo — particularmente entre os jovens menores de vinte anos — opúsculos, manifestos, jornais e publicações antimilitaristas correspondentes á capacidade cultural do visado, alimentando sobretudo no espirito dos moços o ódio ao quartel.

Além disso, o partido socialista, na realização de tam complexa e metódica obra, não deve esquecer-se de se manter em contínuas relações — para tal fim deveria servir a caixa do «centavo do soldado» — com os camaradas e proletários soldados, nada devendo mesmo deixar por tentar para fazer obra de larga penetração no quartel, onde o proletário, pela própria vida que ali leva, sente mais fortes os vinculos e as exigências de classe e é espontaneamente induzido a combater o militarismo.

CALEIDOSCOPIO

Greve patronal

Para conquistarem o mesmo horário de trabalho que vigora nas artes de construção civil de Viana do Castelo, alguns operários canteiros, que trabalham nos arredores daquela cidade, declararam-se em greve.

Como os grevistas eram auxiliados pelos seus camaradas e mestres de obras, patrões destes, officiaram ás autoridades que iam fechar as suas officinas, para obrigar, por esta forma, os grevistas a renderem-se.

Os patrões a darem lições de solidariedade aos operários...

Verdades

Nominalmente o assalariado é um homem livre, ao passo que o escravo antigo era uma mercadoria vivente, com a qual se negociava. O servo da Idade Média era uma coisa impessoal, adstrita á gleba, suportando as flutuações do domínio em que vegetava. Mas essa libertação ficticia e legal não libertou o assalariado da sujeição económica. De facto, continúa á completa mercê do capitalista. Até certo ponto, a sua sorte é mais perigosa do que a do escravo antigo; o valôr mecantil deste fazia com que o seu proprietário o apreciasse, pois tinha interesse em conservar a sua mercadoria em bom estado, para evitar a depreciação. Nos nossos dias, o capitalista não é já o proprietário do trabalhador; limita-se a alugá-lo, e desta forma, a responsabilidade do explorador ficou reduzida ao mínimo, não responde senão pelos riscos d'aluguer, e ainda neste caso, isto é, em casos de acidentes, de brusca rutura de contracto, etc. — o alugador de operários encontra dentro da lei a forma de iludir a sua responsabilidade. Logo, quando com a idade baixa o vigor produtivo do assalariado, o patrão não sofre a menor perda; despede o operário velho e sem valor, por mais que este desgraçado haja contribuido por longo tempo, para a edificação da sua fortuna. *Emilio Pouget.*

Precocidade de alguns talentos

Dante compoz o seu primeiro soneto aos 9 anos; Tasso escreveu os seus primeiros versos aos 10 anos; Calderon começou a escrever aos 13 anos; Vitor Hugo foi laureado pela Academia dos Jogos Florais de Toulouse aos 14 anos; Byron versjava aos 12 anos; Meyerbeer dava sessões públicas de piano aos 5 anos; Claude Veruet desenhava muito bem aos 7 anos; Mirabeau escreveu um volume aos 11 anos; Haendel compoz uma missa aos 13 anos; Rafael começou a pintar aos 7 anos; Weber fez representar a sua primeira opera aos 14 anos, e Pascal, aos 12 anos, resolveu as 32 proposições de Euclides.

Uma guerra

Estatística da guerra de 1870 entre a França e a Alemanha: A França pôz então em pé de guerra 1.980.000 homens; a Alemanha 1.494.000. A França teve 1.005.000 baixas, assim distribuidas: mortos, 139.000; feridos, 140.000; e prisioneiros, 726.000. A Alemanha teve 140.000 baixas apenas, sendo 47.000 mortos, 80.000 feridos e 13.000 prisioneiros. A França perdeu 170 bandeiras, 1.915 peças de campanha, 5.520 canhões de praça ou de sitio, 855.000 espingardas, 12.000 furgões, 605 vagões e locomotivas. As despesas de guerra feitas pela França foram: Indemnização á Alemanha, 5.300 milhões de francos; contribuição, 593 milhões; exercito de primeira linha, 1.000 milhões; guarda nacional, 1.400 milhões; guarda departamental, 903 milhões. Total das despesas, 7.433 milhões.

Vidas, sangue e riqueza sem conta perdidas inutilmente.

São os resultados das guerras...

A Terra

A Terra, este grandioso carro que nos transporta pelos indefinidos campos do espaço, não foi

sempre tal qual a conhecemos. Filha dum imenso aglomerado de matéria, a que os sábios dão o nome de nebulosa, safreu e sotrou, como todos os seus irmãos planetários, que desse nebulosa safram, as sucessivas fases duma evolução cósmica. Quando, por leis duma mecânica difícil de precisar, passou a viver vida independente, fazendo parte do grandioso cortejo do astro-rei, toda a sua massa era incandescente e brilhante como as estrélas.

Sim, esta miserável terra que nos alberga, tão cheia de ódios e de rancores, tão maculada de inconfessáveis interesses e de revoltantes egoísmos, brilhou já um dia — oh! há que milhares de seculos isto foil — brilhou já um dia no céu como a mais bela das estrélas. Então, se alguma outra humanidade vivia em algum dos outros mundos que vogam no espaço, podia deliciar-se nas fulgurantes scintilações que lhe enviava este luzeiro celeste. Era então joven a Terra e como joven tinha toda a beleza da juventude cósmica, que consiste em irradiações de luz.

Depois os anos — muitos milhõs deles, porque assim se contam as fases da vida cósmica — fizeram o seu estrago. Foi-se perdendo o calor superficial e formando uma crusta exterior que guardou dentro de si um núcleo incandescente, ainda hoje atestado da sua existencia pela boca dos vulcões. E sobre essa crusta desenvolveu-se a vida; sobre ela brotou uma luxuriante vegetação e creceu o multiplo reino animal...

Essa crusta, aparentemente tão sólidamente rígida e tão espessa, gosa duma fragilidade verdadeiramente notavel. E como o não devia ser!? Imaginai que no diámetro da Terra, o qual tem doze mil quilómetros, a ela pertence simplesmente oitenta quilómetros. Oh! é o que a casca é para o óvol... *Mariote.*

Aguas passadas

«Para a minha filha»
Quando mais tarde, mulher feita já,
Tu souberes ler as páginas de agora,
Então tu alma doce entenderá
Quanta luz eu continha, quanta auroral
E saberás que, se viste á vida,
Se um ventre fecundado te gerou,
Foi pra' entrar na revolta, decidida,
Pra' seres o mesmo que eu agora sou!
Que sejam os teus braços os primeiros
Que animem as revoltas pelas praças;
Sejam os passos teus os derradeiros
A afastar-se nas horas de desgraças...

A idea é bela, a mais perfeita e pura...
Tem o fulgor ideal das madrugadas
Por ela viveremos na amargura...
E subamos, por ella, ás barricadas.

1905

Alfredo Pimenta

Conceitos

E' preciso odiar igualmente o despotismo que gera a ignorancia e a ignorancia que gera o despotismo — *Turgot.*

Julgueiros os homens pelas suas acções. — *Fenelon.*

Sem pão não ha homem livre — *C. Paëpe.*

Remate comico.

O deputado X foi, em rapaz, marçano duma loja de «secos e molhados.»

O seu patrão, nos primeiros dias da prática no estabelecimento, não se cançava de o indiciar no negócio...

—Tomásentido! — recomendava elle ao agora eloquentissimo e talentosissimo tribuno — quando entrar um freguez cá na loja nunca se deixa ir embora sem fazer despesa... Se não houver do que elle pedir mostra-se-lhe outra coisa...

Passado pouco tempo entra no estabelecimento uma mulher, que pergunta: — Tem bacalhau demollado?

— Não, senhora, acabou-se mesmo agora! — responde muito ancho e soltoico o nosso pai da pátria — mas temos pregos n.º 12 que são uma especialidade...

A Florescente

Amanhã, segunda-feira, realisa o camarada Joaquim Marçal uma conferência na sede desta escola, sita á rua Infante D. Henrique, 24-1.º, sob o tema: *A educação racional como fim da tiere manifestação individual.* A entrada é franca.

Coisas historicas

7 1912 — Termina a greve dos mineiros de Charleroi (Bélgica) com uma grande vitória para estes.

8-1913 — Sai em Ancona (Italia) o primeiro numero de *Vontade*, brilhante semanário redigido por E. Malatesta.

9-1913 — Declara-se a greve geral em Huelva (Espanha).

10-1881 — Em Lisboa realisa-se a primeira sessão dum congresso das associações de classe operárias.

11-1762 — Os padres de Paris, movidos pela intolerancia e dogmatismo que lhes são peculiares, queimam, na praça publica, o *Emilio*, de Jean Jacques Rousseau.

12-1913 — Os marinheiros italianos voltam ao trabalho depois de obterem victoria parcial nas suas reclamações.

13-1753 — Nasce em Murete (França) N. Dalayrac, celebre compositor musical.

Reforçando "uma explicação,"

Meu caro Costa Carvalho
Li no último numero da nossa estimada e querida *Aurora* a tua carta em que te defendes altivamente das vis calúnias que uma criatura, por certo autoritária e malfazeja, te levantou.

Fiquei satisfeito com o que dizes; tanto mais, que sendo tu o activo organizador de 12 associações de classe, no Pará, nunca recebeste nem um único centavo pelo teu trabalho fatigante.

E isto é uma das qualidades morais mais apreciáveis nos militantes sindicallistas e anarquistas. Por isso, nessa cidade, de onde foste expulso pelas autoridades, encontrarás em cada trabalhador organizado um amigo, mas um amigo verdadeiro, porque foste ali a alma desinteressada de todo o movimento revolucionário, movimento que muitos e muitos beneficios trouxe aos produtores de toda a riqueza social.

Viveste sempre do produto do teu labor. E os capitalistas, como não puderam preverter-te, porque és um caracter, maldomunaram-se com as autoridades para te perseguirem e, por fim, expulsarte, juntamente com outros camaradas que muito te auxiliavam na propaganda.

E depois de todo esse passado glorioso, surge uma criatura de naifa em punho a pretender anavalhar-te. Ainda o que vale é que ella está filiada no celeberrimo partido socialista... De aí estalhe a calhar muito bem o negregado papel de caluniador e intrigante.

Recebe um apertado abraço do teu amigo e camarada *Manuel Pereira Bastos.*

(Ribeiradio, 2 de junho de 1915).

Religião experimental

Segundo referiu, há tempos, o jornal alemão *Munchener Neueste Nachrichten*, o capelão Johann Freudenstein, de Giesing, quis dar a seus discipulos de catecismo uma idea dos sofrimentos do inferno afirmando e provando que ninguém poderia manter a dedo, durante cinco segundos, sobre a chama dum fosforo, sem sofrer as mais vivas dores. O discipulo que fosse capaz de experimentar isso ganharia dez marcos. E fez telintar sobre uma cadeira a tentadora moeda de ouro, um *krone*.

Avançaram três rapazes. Dois deles râtiraram logo a mão, desistindo do prêmio. O terceiro mais corajoso, deixou o capelão aproximar o fosforo; mas, vencido pela dor, não pôde sustentar a prova até o fim; e por fim ganhou, não o aureo *krone*, mas uma valente queimadura no indicador da mão direita, e além disso, uma ideia nítida dos sofrimentos do inferno...

Ora, af está! Acusam os padres de retardatários, retrógrados sanguinarios, etc., e afinal de contas, que são eles? Espiritos iluminados e progressivos, homens que acompanham em todos os pontos o avanço da civilização. Combatem Ferrer, é verdade, mas seguem os modernos métodos pedagógicos que elle preconizava. Pa-